

Natureza e costumes mestiços na obra de José Veríssimo *

Magda Nazaré Pereira da Costa** - UFPA

I. José Veríssimo e a literatura naturalista da Amazônia

Autor de diversas obras de cunho nacional e regional, José Veríssimo destacou-se juntamente com Silvio Romero e Araripe Junior, formando no final do século XIX o conjunto de críticos literários brasileiros de grande expressão da era naturalista. Influenciados pelo Positivismo e pelo Evolucionismo em voga na época, ambos analisaram em muitas de suas obras a constituição do pensamento social brasileiro a partir da década de 1870, quando havia uma forte preocupação com o desenvolvimento e o progresso do Brasil enquanto uma “nação mestiça”¹.

Desse modo, desde meados dos Oitocentos a questão racial vinha sendo apontada como um símbolo de identidade nacional, que através da literatura romântica ganhava ênfase com a exaltação do indígena como a figura que melhor designava o habitante natural da nação².

Porém nas últimas décadas do século XIX, quando a literatura foi ganhando um caráter naturalista, a predominância indígena foi sendo substituída pela importância atribuída agora, à mistura dos diferentes tipos raciais formadores da nação. Sob as óticas positivista e evolucionista que sustentavam a tese de um racismo científico vindo da Europa, a grande quantidade de mestiços no seio da população brasileira oriundos da miscigenação entre índios, negros e brancos, foi interpretada como empecilho à civilização e uma das causas do atraso político-econômico da nação. A mestiçagem refletia então no campo da literatura e da ciência, como fator de degeneração das raças e, como tal produziria um tipo racial física e psicologicamente inferior àqueles que lhe deram origem³.

Contudo, mesmo ligado ao Naturalismo, José Veríssimo criticava a proposição que afirmava ser a mestiçagem o maior problema para o desenvolvimento da nação.

Em alguns de seus ensaios exaltando a exuberância da Amazônia, é possível perceber que ao narrar os costumes e o modo de vida da gente índia e, sobretudo mestiça do local⁴, considerados por ele, pouco ou quase nada civilizados, o autor enfatiza que, lentamente conseguiriam superar tal estágio de “selvageria” em que se encontravam, na medida em que fosse intensificada a mistura com o branco “civilizado”.

Nascido em Óbidos no interior do Pará, José Veríssimo trazia provavelmente no sangue uma certa descendência mestiça, fato que talvez também tenha contribuído para que ele apresentasse a mestiçagem como algo positivo ao progresso e à civilização do Brasil; já que paradoxalmente defendia, o postulado evolucionista-naturalista que via no branqueamento da população mestiça a saída para a degenerescência.

Assim, Veríssimo, apesar de ser paraense nato e grande admirador de sua terra, foi essencialmente homem de seu tempo, e como tal deixou registrado em seus escritos sobre a região amazônica e seu povo uma visão estereotipada de caráter racista e “acima de tudo (...) de cunho nacionalista, que ele procurou rastrear desde o início da literatura brasileira (...) detectando um sentimento de brasilidade”⁵.

Assim nos propomos com este estudo analisar alguns relatos de José Veríssimo enquanto literato naturalista, destacando a concepção de natureza ali expressa e sua suposta influência nos costumes da população mestiça da Amazônia⁶.

II. Repensando a paisagem amazônica

De acordo com Carmem Lúcia Figueiredo, no contexto da “invenção do Brasil” uma nova concepção de paisagem despontou através da tradição romântica-naturalista que passou a concebê-la sob uma rede de códigos culturais, constituindo “um lugar de apropriação visual e um foco para a formação de identidade”⁷. A paisagem enquanto descrição ou representação da natureza perderia seu caráter

meramente contemplativo para revelar-se um “meio de troca”, onde expressaria, além das belezas e curiosidades do espaço físico, um significativo conteúdo social.

A partir de meados do século XIX, no entanto a concepção naturalista animada pelos princípios cientificistas da época começava a distanciar-se da sensibilidade romântica, para deter-se em questões de ordem prática referentes não só a exuberância da terra, mas a utilidade desta para o desenvolvimento e a civilização do homem.

Sob o determinismo do meio tenderam os naturalistas a projetar uma qualificação ou desqualificação de um determinado espaço e de seus habitantes de acordo com as características físicas e morais engendradas ali na relação do homem com a natureza. A vegetação, o clima, bem como a formação étnica, o modo de vida, os padrões de comportamento e os valores sócio-culturais foram alguns dos aspectos humanos e naturais enfatizados para descrever a paisagem na visão naturalista.

Assim é sob este ponto de vista, que podemos observar no naturalismo de José Veríssimo que ao analisar a paisagem amazônica e a gente que ali vivia, o autor, movido pelos postulados biológico-evolucionistas, buscou demonstrar as “reais” possibilidades do progresso humano naquela região e sua contribuição para o desenvolvimento da nação. Por conhecê-la muito bem Veríssimo, não reduziu a Amazônia, ao espaço exótico da floresta, mas não deixou também de destacar a influência da adversidade da paisagem, que apesar de uma natureza pródiga, sujeitava todas as raças consideradas impuras que ali viviam a desenvolver um “caráter vil” que lhes dificultava a civilização. Por conta disso, índios, curibocas, mamelucos, mulatos e cafuzos, além dos tapuios, habitantes do local necessitavam segundo Veríssimo, vencer “um clima enervante” e deviam saber lidar com a abundância de recursos vegetais e animais que lhes facilitava a sobrevivência e lhes proporcionava um estilo de vida que não exigia uma grande dedicação ao trabalho, empurrando-os assim, ao ócio e à indolência.

Sob uma concepção positivista-determinista da natureza, José Veríssimo enfatiza que as facilidades proporcionadas por ela provocariam a ausência do trabalho disciplinado e operante no dia-a-dia da população mestiça da Amazônia que naquele momento era vista como o “paraíso do indolente”. Expressão que teria sido não raro utilizada para designar a paisagem daquele local, e exprimir as causas do “*abatimento*” do mestiço, dos quais muitos, na visão do autor, ainda não estavam propensos a civilizar-se preferindo os limites e a acomodação da vida nômade dependente da natureza.

Nesse sentido o nativo da Amazônia, mesmo o tapuio, que José Veríssimo considerava um índio destribalizado e, portanto mais passível de civilizar-se, buscava na natureza tudo que necessitava para prover à sua subsistência. A vegetação, por exemplo, possuía para índios e mestiços valores alimentícios, ornamentais, religiosos e medicinais. Até mesmo Veríssimo destaca que para os nativos “as nossas grandes florestas são uma enorme drogaria, onde acham remédio para toda a sorte de males físicos”⁸.

III. (A) moral e natureza: os costumes mestiços

Mesmo descrevendo a paisagem e a realidade da Amazônia pelo viés naturalista, nos ensaios que relata suas andanças subindo e/ou descendo os rios da região, principalmente os que cortam as Províncias do Pará e do Amazonas, José Veríssimo em momento algum enfatiza apenas as peculiaridades do meio natural, silenciando a ação dos homens que nele vivem. Para José Maia Bezerra Neto, Veríssimo “... não se limita unicamente aos estudos e descrições da natureza, mesmo por que o naturalismo não pode ser confundido apenas com a retração do meio físico. Ele busca estudar as populações da região amazônica, detalhando em seus relatos etnográficos suas crenças, costumes e modos de vida ...”⁹.

Sem portanto, distanciar-se da concepção que caracteriza a influência do meio como determinante no modo de vida das pessoas, José Veríssimo deixa mais uma vez transparecer nos ensaios em que relata o cotidiano dos tapuios que vivem em localidades a margem dos rios, sua inclinação às aspirações evolucionistas. Apesar das tentativas de inserção da Amazônia no “mundo civilizado”, a influência do meio ainda obrigaria a gente do local a perpetuar crenças e costumes herdados de seus antepassados indígenas, considerados pelo autor como inferiores, limitando-os a viver em uma situação de extrema miséria.

A pobreza da população mestiça seria resultante de sua falta de perspectiva e de prosperidade diante das facilidades da natureza, como enfatizado anteriormente. A rusticidade dos costumes nativos era interpretada por Veríssimo como indícios de incivilidade, tais como: o modo como as pessoas viviam amontoadas em moradias sem comodidade e sem privacidade, a forma como “não respeitavam” padrões de comportamento e valores sociais, tidos como imprescindíveis à civilização.

Em uma das viagens que fez ao interior das duas maiores províncias da região, o literato chegou a destacar *que* “a sua casa [dos tapuios] tem a forma simples de habitação primitiva (...). A maioria das vezes (...) compõe-se de um único compartimento onde vive, na promiscuidade mais imoral, toda uma família, não raro numerosa”¹⁰.

Veríssimo não conseguia entender e aceitar que tais práticas eram comuns entre os mestiços e constituíam uma rede de significados inerentes ao seu modo de vida. Ao julgá-los como promíscuos e imorais Veríssimo sustenta uma visão estereotipada, que lhes atribui um estágio de desenvolvimento inferior (primitivo) por não seguirem os padrões de moral e bons costumes reconhecidos e aceitos em uma “sociedade civilizada”.

No final dos oitocentos com o advento da República positivista no Brasil, a moral cristã do Império vai sendo substituída por uma moral civil, com a qual a família

e também a mulher ganham papel de destaque; a primeira como uma das principais instituições que assentaria as bases da formação moral do cidadão e, a segunda por ser responsável, através da figura da mãe, de agenciar tal formação¹¹.

Diante disso, indignado Veríssimo assim continuava a descrever em seus relatos: “É habitual às mulheres mestiças falarem a cada instante de seus filhos sem pai; isto em tom que não indica nem pesar, nem tristeza e, na aparência pelo menos nenhuma consciência de falta ou de vergonha (...). Assim constituída está desmantelada a família. A mulher perde o direito ao papel que na bem constituída lhe deve caber”¹².

Ao criticar o comportamento da mulher mestiça que pouco valor parecia dar aos laços de casamento, não se importando em levar uma vida baseada em relações esporádicas, José Veríssimo, como bom republicano que era, registra aqui o que se entendia no início da República como modelo ideal e aceito de família, onde “sem noção positiva de pudor (...), a família mameluca, como a tapuia, está por assim dizer em plena decomposição (...) concorrendo assim (...) para a desmoralização dos costumes de ambas as províncias”¹³.

IV. Natureza, hábitos alimentares e cuidados com a saúde

A natureza era quem determinava ainda a base da alimentação dos mestiços. A sua mesa era considerada por Veríssimo como parca e má, cujo alimento principal era o peixe, acompanhado da farinha d'água, que apesar de muito consumida possui um baixo valor nutricional. As frutas e os vinhos que delas extraía-se eram também produtos comuns na mesa de índios e tapuios da Amazônia, com destaque para o açaí que “faz seu alimento habitual”.

Com uma dieta alimentar influenciada e dependente da natureza, faltava também aos moradores das cercanias da floresta, segundo José Veríssimo, um certo refinamento na maneira de comer, que ele mais uma vez apontava como ausência de

civilidade, pois “comem geralmente sentados sobre uma esteira no chão, as pernas cruzadas, servindo-se, os menos civilizados, exclusivamente das mãos; os outros têm, conforme a sua categoria e educação, adotado mais ou menos, os hábitos da civilização”¹⁴.

Assim como a moral, o refinamento à mesa é destacado aqui como uma maneira de atestar a civilidade humana e a sua diferenciação frente aos outros animais¹⁵. E é ainda portanto, através dos “maus hábitos alimentares” e da falta de higiene do nativo, que José Veríssimo procura justificar a incidência de doenças como as febres intermitentes e endêmicas, que faziam definhar desde o indígena ao estrangeiro, procurando assim romper com a idéia de que existiria na Amazônia um clima insalubre que tornava impossível a permanência do imigrante europeu na região. De acordo com esta idéia “se acredita a Amazônia inabitável, e neste ponto há muita gente que, (...) reputa impróprias à vida humana essas regiões do Equador”¹⁶.

Contudo, por mais que Veríssimo pretendesse reverter a visão de insalubridade climática que não raro era sustentada sobre a Amazônia, procurando estimular o povoamento através da imigração branca, em outra passagem de um de seus ensaios, o autor admite que devido a umidade e a disposição natural da paisagem, formada de rios, lagos e pântanos por todos os lados, estavam os habitantes do local sujeitos ao cortejo de determinadas doenças.

Por fim, note-se que sempre ressaltando o valor determinista do meio, Veríssimo dentre outras coisas, transplantou a idéia de civilização da cidade para as áreas do interior amazônico por onde passava, taxando então aquele espaço e os seus moradores de incivilizados devido à presença marcante da “natureza selvagem”.

Notas

* A versão original deste artigo foi inicialmente apresentada como parte da avaliação da disciplina Teoria e Metodologia da História, junto ao Programa de Pós-Graduação em História em agosto de 2004.

** Discente do curso de Mestrado em História Social da Amazônia da UFPA.

¹ Sobre a idéia de “nação mestiça” ver SCHWARCZ, Lília M. Espetáculo da miscigenação. *Revista Estudos Avançados*. V. 8, nº 20, jan/abril 1994, pp. 137-151.

² Ver SCHWARCZ, Lília M. As barbas do Imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

³ Cf. SCHWARCZ, Lília M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 e SKIDMORE, Thomas. Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

⁴ José Veríssimo assim classificava os tipos raciais existentes na Amazônia: *curiboca* (branco e índio), *mameluco* (curiboca e branco), *mulato* (branco e negro), *cafuz* ou *cafuzo* (negro e índio). Veríssimo não considerava como degenerados, sobretudo os mestiços oriundos do cruzamento entre brancos e índios, não considerando ainda como passíveis de serem civilizados os mestiços, cuja mistura racial provinha de sangue negro, haja vista o autor desconsiderar a significativa presença de negros na Amazônia. Ver VERÍSSIMO, José. “As populações indígenas e mestiças da Amazônia”. *Estudos Amazônicos*. Belém: UFPA, 1970, p. 24 e 25 (especialmente a parte *Tapuios e seus descendentes*).

⁵ Academia Brasileira de Letras. Disponível em <http://ww.biblio.com.br/Templates/JoseVerissimo/JoseVerissimo.htm>. Acessado em 07/12/2004.

⁶ Destacamos aqui os seguintes artigos de José Veríssimo: “*As populações indígenas e mestiças da Amazônia. Sua linguagem, suas crenças e seus costumes*” (1878), “*Problemas Amazônicos*” (1894), “*A Amazônia*” (1892) e “*Do Pará a Óbidos*” (1877); ambos republicados em 1970 pela Universidade Federal do Pará na Coletânea “Estudos Amazônicos”.

⁷ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Crítica à invenção do Brasil: paisagem, identidade, literatura. *Terra Roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários*. V. 2, 2002, pp. 26-42. Disponível em <http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>. Acessado em 05 fev. 2005.

⁸ VERÍSSIMO, José. *Op. Cit.* p. 61

⁹ BEZERRA NETO, José Maia. José Veríssimo: pensamento social e etnografia da Amazônia. *Revista Dados*. V. 42, nº 3, 1999, p. 560. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000300006&lng=en&nrm=iso.

Acessado em 07 fev.2005.

¹⁰ VERÍSSIMO, José. *Op. Cit.*, p. 71.

¹¹ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas – imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹² VERÍSSIMO, José. *Op. Cit.*, p. 73.

¹³ Idem. p. 74

¹⁴ Idem. p. 83.

¹⁵ Ver THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças e atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 44.

¹⁶ VERÍSSIMO, José. *Op. Cit.*, p. 191.